



Africa Brazil Latin America Research Viewpoints

Autenticidades e mercado religioso no Atlântico

March 21, 2018 João Ferreira Dias 0 Comments Africa, Atlantic, Bahia, Brazil, Candomblé, culture, religion, slavery

O processo Atlântico de transferência de escravos e seus costumes para o Brasil, com enfoque em Salvador da Bahia, mas também para o Maranhão e Rio Grande do Sul, deu origem à ressignificação religiosa através dos sistemas designados por Candomblé, Tambor de Mina e Batuque, respetivamente, instituídos na viragem do séc. XVIII para o séc. XIX. Aportados ao Brasil escravocrata e de matriz cultural católico-português, os escravos viram-se jogados ao desempenho de papéis étnicos (que [Parés](#) chama de meta-etnicidades) múltiplos e volutáveis, negociados nas alteridades intra-africanas e dos africanos diante da [sociedade escravista](#).

Estas etnicidades – que surgiram como recurso para a organização das [irmandades católicas na Bahia](#) – foram importantes na construção das chamadas «nações de candomblé», tipologias rituais com claros ideais *nacionalistas*-étnicos africanos. É com estas tipologias que se se iniciam os discursos “de nação”, que viriam a ser convertidos – com determinante contribuição dos pioneiros nos [estudos afro-brasileiros](#) – num discurso de *pureza*, em particular de pureza nagô.

Autenticidade e mercado religioso

Os discursos “de nação” veiculavam, *ab initio*, um princípio de autenticidade ritual e cultural, diante do avanço da criouliização (hibridismo) dos costumes africanos no Brasil. Estes discursos de autenticidade pré-datam um verdadeiro primado do mercado religioso, mas marcam, decisivamente, as relações entre práticas tomadas como autenticidades e degeneradas.

A abertura do mercado religioso, com a liberdade religiosa e o surgimento da Umbanda, e colocando em cena a expansão do Candomblé, com a multiplicação vertiginosa do número de templos (terreiros) dentro de Salvador, mas também para novas geografias, com destaque para São Paulo, ganhando terreno à Umbanda a partir da década de 1950, reforçou as questões da autenticidade, mas igualmente tornou favorável o processo de hibridismo entre práticas dispareas, ao mesmo tempo que colocou o campo religioso afro-brasileiro num intenso processo de concorrência. Nesse sentido, a autenticidade deixou de ser jogada, apenas, numa lógica de perda cultural e reforço “das raízes” (e até pela hierarquia entre templos, a partir do idioma da antiguidade e da posição de destaque – veja-se a relação entre a triade Engenho Velho – Gantois – Opô Afonjá) na terminologia própria, para adentrar pela concorrência em termos de prestígio e captação de fiéis e clientes.

A reafirmação e as viagens místicas a África

Entre as dinâmicas de expansão do Candomblé produziram crises identitárias ligadas às autenticidades, desta feita a partir das genealogias religiosas. Como mostra a literatura sobre o assunto, a incapacidade dos sacerdotes paulistas em traçarem a sua linhagem religiosa a um terreiro histórico da Bahia, autenticando, desta forma, a sua posição na hierarquia do campo e mercado religiosos, está na origem dos movimentos de reafirmação.

É um facto que a reafirmação é uma questão *ab initio* do Candomblé, [como menciona Capone](#); no entanto, os [novos movimentos de reafirmação](#), emergentes a partir da década de 1960, introduziram novas formas de *reafirmar* os padrões de culto. Entre buscas por sacerdotes de Ifá (sistema religioso do espaço cultural yorubá, fortemente influenciado pelo islão místico e pelo cristianismo missionário, mas ‘vendido’ no mercado religioso brasileiro como *puramente africano*) cubanos, ou mais recentemente através de viagens (re)iniciáticas a África, há um caminho de procura por autenticidades que questiona o lugar da Bahia como ‘[bolsa de autenticidade](#)’, e que promove uma forte concorrência no mercado religioso.

Uma nova reafirmação ou o reforço do eixo atlântico?

Do lado dos terreiros históricos baianos, a reafirmação recente é compreendida como um fenómeno de rutura com os padrões de autenticidade candomblecistas, porque invoca novas modalidades rituais, estéticas e cosmológicas que confrontam as formas pelas quais os costumes africanos foram reorganizados na Bahia. Esta reafirmação passou a ser concorrente do Candomblé baiano, tornando-se algo rejeitado no seio dos terreiros históricos de Salvador da Bahia.

Todavia, essa rejeição parece ser parcial, porque diz respeito às inovações que colocuem em causa o *modus operandi* candomblecista. Prova disso são as recentes viagens da Casa de Oxumaré, conceituado terreiro baiano, à Nigéria e ao Benim, e a vinda de prestigiadas figuras políticas e religiosas africanas à Bahia. Esse trânsito atlântico recupera as viagens dos primórdios do Candomblé, em que saberes e produtos eram trocados e reciclados entre a Bahia e o Golfo do Benim.

O que se torna importante objeto de olhar historiográfico e antropológico é o efeito que tais viagens poderão ter em matéria ritual. Teremos uma nova fase de reafirmação, agora com uma recuperação de práticas e de valores estéticos africanos por parte dos terreiros históricos e Salvador, ou somente um reforço ideológico no eixo atlântico? Os títulos sacerdotais conferidos ao sacerdote da Casa de Oxumaré, Babá Pecé, produzirão novas dinâmicas de autenticidade no campo religioso baiano?

Daagbo Vaudou e a autenticidade plástica

A mais recente viagem da comitiva da Casa de Oxumaré a África, durante o mês de Fevereiro passado, foi detalhada em fotografias e vídeos disponíveis na página de Facebook daquele templo. Entre as visitas a diversos sacerdotes locais, foi destacada a visita a Daagbo Vaudou (ou Daagbo Hounon), apelidado de sumo sacerdote vodun do Benim, o qual se encontra, neste momento, em Salvador, reforçando os laços entre os cultos vodun no Benim e na Bahia. Um dos principais *leitmotifs* desta aproximação encontra-se na afirmação de uma autenticidade ritual vodun presente no Daagbo Vaudou. Somente a autoridade deste sacerdote, e assim a sua autenticidade, permitem que as suas ações político-religiosas produzam efeitos no mercado religioso baiano. No entanto, a procura de autenticidade brasileira em terras Vodun embate nas dinâmicas próprias do campo religioso beninense.

Quando se visita a página no [Facebook](#) do sacerdote africano, não é inteligível que se trate de um sacerdote do culto vodun, nos termos *tradicionais* que o imaginário candomblecista suporia ou formataria. Isto porque o mercado religioso beninense não se articula a partir dos mesmos idiomas que o mercado afro-brasileiro. A referida página anuncia o “gabinete do grande e poderoso marabout Daagbo Vaudou”, destacando-se as divindades hindus como “fotografia de capa”. São devidas algumas notas. Em primeiro lugar a ausência de imagens do culto vodun e o grande destaque ao imaginário hindu, numa lógica que se articula profundamente com o movimento New Age no Ocidente, onde a Índia e as suas tradições religiosas possuem grande importância. Em segundo lugar, as ofertas de serviços religiosos são coincidentes com os serviços oferecidos pelos curandeiros e mestres africanos que atuam, por exemplo, em Portugal, como o Professor Karamba ou Mestre Alaji, destacando-se os serviços amorosos/sexuais, os males de inveja e problemas financeiros.* Em terceiro lugar, e articulado com este último aspeto, a elasticidade do termo *marabout* como sinónimo de sacerdote e de poder religioso, que abandona as fronteiras islâmicas para se apresentar como recurso de mercado religioso, num fenómeno próximo ao termo “mãe de santo” em Portugal.

É, pois, evidente, que as buscas de autenticidade africana por parte de comitivas candomblecistas brasileiras em terras africanas, tem de lidar com o facto de que o Golfo do Benim não é um lugar *sem história*, imutável. Pelo contrário, o campo religioso local é tão dinâmico quanto qualquer outro, altamente inscrito em processos de mercado concorrencial, ciente dos postulados da *Nova Era*, e capaz de se articular com demandas do mercado, evidenciando-se como altamente plástico. Da mesma forma que os sacerdotes brasileiros buscam nesta viagem uma ponte atlântica de partilha e proximidade, procurando as autenticidades voduns, do outro lado teremos, muito provavelmente, uma leitura de oportunidade de mercado, reforçando o poder do *marabout* – Vodunon (sacerdote vodun).

* *há um claro continuum de problemas e serviços entre imaginários africanos de cultos vodun, islamizados e ocidental de curandeirismo.*

Photo by Candomblé / CC BY-SA 4.0

Share this:

Related

A Casa de Oxumaré no centro de um debate que não é sobre religião
January 27, 2020
In "Africa"

25 OUT | Angola na Comissão do Golfo da Guiné e na Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul
October 22, 2016
In "Africa"

"Cargo é preocupação de branco": breve análise sobre questões de poder e "raça" no Candomblé
November 14, 2019
In "Africa"

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](#).

← Vladimir Putin: Entre a vitória eleitoral e a legitimidade

24 & 25 MAY | Call for Papers: International Conference Europe as a Global Actor →

João Ferreira Dias
Researcher at CEI-IUL. PhD in African Studies (ISCTE-IUL) about politics of memory, and cultural loss in the terreiros de Candomblé. Research interests: religious memory, nostalgic sentiments and cultural loss, the orthopraxy and thought patterns in jeje-nagô Candomblé, and the Yorubá construction and religious and ethnic identity.

You May Also Like

CPLP: uma Comunidade em Construção?
November 12, 2016

10 JUL | Apresentação R:1 n.º 65 «A China e África em Ascensão»
July 8, 2020

4 JUN | Sessões online: África em tempos de COVID-19
June 3, 2020

Leave a Reply

You must be [logged in](#) to post a comment.

Most Popular

Catalunha, a liberdade não é um posto

CEI-IUL on Twitter

My Tweets

Contents by Region

- Africa
- Europe
- Latin America
- Middle East
- North America/USA

Themes

Africa
Asia
Brazil
European Union
North America/USA
Research
Social movements
United States

Categories

Select Category

Contents by Region

- Africa
- Europe
- Latin America
- Middle East
- North America/USA

Archives

- December 2022 (1)
- November 2022 (1)
- October 2022 (2)
- September 2022 (2)
- August 2022 (1)
- July 2022 (12)
- June 2022 (9)
- May 2022 (8)
- April 2022 (6)
- March 2022 (13)
- February 2022 (11)
- January 2022 (15)
- December 2021 (12)
- November 2021 (12)
- October 2021 (10)
- September 2021 (7)
- August 2021 (3)
- July 2021 (10)
- June 2021 (11)
- May 2021 (17)
- April 2021 (16)
- March 2021 (29)
- February 2021 (18)
- January 2021 (19)
- December 2020 (16)
- November 2020 (28)
- October 2020 (16)
- September 2020 (21)
- August 2020 (11)
- July 2020 (25)
- June 2020 (25)
- May 2020 (28)
- April 2020 (19)
- March 2020 (16)
- February 2020 (14)
- January 2020 (11)
- December 2019 (11)
- November 2019 (19)
- October 2019 (17)
- September 2019 (19)
- August 2019 (12)
- July 2019 (30)
- June 2019 (31)
- May 2019 (26)
- April 2019 (19)
- March 2019 (24)
- February 2019 (29)
- January 2019 (25)
- December 2018 (20)
- November 2018 (30)
- October 2018 (29)
- September 2018 (13)
- August 2018 (17)
- July 2018 (14)
- June 2018 (33)
- May 2018 (44)
- April 2018 (45)
- March 2018 (40)
- February 2018 (33)
- January 2018 (50)
- December 2017 (32)
- November 2017 (46)
- October 2017 (27)
- September 2017 (30)
- August 2017 (23)
- July 2017 (25)
- June 2017 (44)
- May 2017 (57)
- April 2017 (32)
- March 2017 (43)
- February 2017 (46)
- January 2017 (64)
- December 2016 (55)
- November 2016 (71)
- October 2016 (56)
- September 2016 (32)
- August 2016 (2)

Subscribe to Blog via Email

Enter your email address to subscribe to this blog and receive notifications of new posts by email.

Email Address

Subscribe